

DUÍLIO FABBRI JÚNIOR

UMA (RE)VISITAÇÃO À HISTÓRIA DA IMPRENSA EM CAMPINAS

*A (RE)VISIT TO THE PRESS HISTORY IN
CAMPINAS*

*UN (RE)VISITAR A LA HISTORIA DE LA
PRENSA EN CAMPINAS*

Recebido em: 16 abr. 2016

Aceito em: 15 mai. 2016

Duílio Fabbri Júnior: Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Campinas-SP, Brasil)
Jornalista. Professor da PUC-Campinas. Mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade Cásper Líbero. Doutorando pela UFSCar. Trabalhou no Grupo EPTV por 26 anos. Autor de vários artigos e capítulos sobre jornalismo regional.
Contato: duilio.fabbrri@puc-campinas.edu.br

ISSN (2236-8000)

resenha

RESENHA DE:

ROLDÃO, Carlos Gilberto; ORMANEZE, Fabiano; CARMO-ROLDÃO, Ivete C. (orgs.). *A imprensa em Campinas: Retratos da História*. Campinas: Setembro, 2016, 341 páginas, ISBN: 978.85.5504.011-5.

O livro *A imprensa em Campinas: retratos da história*, organizado pelos jornalistas e pesquisadores Carlos Gilberto Roldão, Fabiano Ormaneze e Ivete do Carmo-Roldão, professores da PUC-Campinas, propõe uma visita à história da imprensa da cidade sob a ótica de 15 jornalistas que assinam os 12 capítulos da obra. Todos os autores têm larga experiência como jornalistas e/ou como docentes e pesquisadores.

Essa visita à história traz um olhar moderno, com uma abordagem que resgata o ambiente das redações, notadamente a partir dos anos 1970. Os autores optam por um relato que discute as transformações do jornalismo regional a partir da conjuntura nacional e midiática. A participação dos autores na história – em muitos casos, trata-se dos participantes dos fatos narrados – poderia transformar a obra num compêndio de lembranças, entretanto, insere-se a experiência numa reflexão capaz de demonstrar como a trajetória dos jornais de Campinas é significada não só a partir dos acontecimentos nacionais e locais, como também pelas transformações político-econômicas e da própria relação da mídia com o poder.

É preciso considerar ainda o momento oportuno do surgimento da obra, uma vez que o último livro sobre a história da imprensa na cidade fora lançado em 1972, pelo jornalista e historiador Júlio Mariano (1901-1988)¹. Essa atualização é importante, inclusive, por abordar tópicos pouco ou nada citados. Embora anteriores ao livro de Mariano, a sucursal de *O Estado de S. Paulo*, instalada na cidade em 1917, e o jornal *O Getulino*, que circulou entre 1923 e 1925, editado pela comunidade negra, não receberam destaque em 1972 e, agora, têm, cada um, capítulo próprio na historiografia midiática da cidade.

O refinamento do livro está na leveza do encadeamento de fatos e sentidos atribuídos a eles do lugar ocupado pelos autores. Tem-se nas narrativas a experiência de conhecer o que foram as publicações e oferecer, além de informação e criticidade, elementos para acompanhar o local e o global. Para tal, os autores dos capítulos usaram a pesquisa em documentos, acervos históricos e entrevistas. Assim, revela-se a profundidade de fatos e as histórias de cada jornal, reescrevendo o “lead” dessas publicações.

No primeiro capítulo, *Diário do Povo: uma história centenária*, de Carlos Gilberto Roldão e Ivete Cardoso do Carmo-Roldão, é narrada a trajetória de um jornal que, meses após completar seu centenário, em 20 de janeiro de 2012, deixaria de circular. Os autores registram a história, dividindo-a em cinco fases, de acordo com os proprietários do jornal. A compra do veículo, em 1996, pelo rival histórico, *Correio Popular*, o que daria origem à Rede Anhanguera de Comunicação (RAC), iniciou um processo de decadência que culminou com seu fechamento.

Em seguida, é a vez do “jornal que era uma sucursal”. No capítulo *O braço do Estadão em Campinas*, as autoras Juliana Sangion e Rosemary Bars Mendez fazem uma releitura da instalação da sucursal do veículo da família Mesquita. Para isso, conferem foco às produções editoriais da redação, assim como a descrição do funcionamento dessa experiência que

teve, entre outros, a chefia de Mário Erbolato (1919-1990). Além de ter passado por várias redações, o jornalista deixou contribuições notáveis à história do ensino de Jornalismo no Brasil, ao lançar obras como o clássico “Técnicas de Codificação em Jornalismo” (Editora Ática, primeira edição em 1978), e ser um dos fundadores, em 1970, do curso da PUC-Campinas. A sucursal de *O Estado* foi criada em 1917 e teve vários formatos, até o início do século XXI, quando o jornal passou a ter apenas um correspondente na cidade. A produção de notícias em Campinas deu a essa sucursal, um status, muitas vezes, de redação autônoma.

No terceiro capítulo, um jornal pouco conhecido, mas com um perfil bastante combatente tem sua história revisitada, tornando-se, fora alguns estudos em formato de teses e dissertações, um dos poucos trabalhos a retratá-lo. *Getulino: imprensa negra e luta contra a discriminação em Campinas*, foi escrito por José Roberto Gonçalves, a partir de sua tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da PUC-SP. O autor discorre sobre as condições de produção do jornal *Getulino*, publicado em Campinas entre os anos de 1923 e 1925, por um grupo de jovens negros, em busca de estratégias para se colocar como discurso de verdade. A metodologia adotada para levantar dados foi a análise do conteúdo das edições. O veículo rompeu com a tradição, numa estratégia de confronto ao pensamento racial dominante, que pregava a incapacidade do negro de se articular e produzir cultura.

Em seguida, Marcel Cheida resgata a história do principal veículo em circulação na cidade, no capítulo *Do chumbo ao off-set: a modernização gráfica do Correio Popular*, que coloca em relevo a luta de ideais e poder desde os anos 1920, num município marcado pela história de barões, pelo regime escravocrata e pela política herdada da velha República. O jornalista revê processos e traz à tona o nascimento do concorrente do *Diário do Povo*, embora ambos tenham o mesmo fundador, Álvaro Ribeiro (1876-1929). Por meio de pesquisa documental e de entrevistas com dirigentes e editores do *Correio Popular*, o material levantado se transforma em um capítulo que narra o período da modernização industrial e a construção do parque gráfico do *Correio Popular*, apontando as consequentes mudanças editoriais, com a renovação do corpo de jornalistas, da política editorial e da rotina de trabalho, que definiram um novo parâmetro na competição entre os impressos. Aqui, é analisada ainda a política editorial adotada desde então, até meados da década de 1980, quando ocorrem outras mudanças, desaguando na criação da RAC.

Com a criação da rede, que publica, a partir dos anos 2000, jornais em outras cidades do interior paulista, como Ribeirão Preto e Piracicaba, além de portal e revista, a empresa ganha novos ares e quem conta essa parte da história é Cyntia Belgini Andretta, no capítulo *Correio Popular: o cenário a partir da criação da RAC*. O texto mostra a transição do jornal para um grupo de mídia, bem como a composição de um novo cenário jornalístico, marcado pela comunicação digital. A autora utiliza, para isso, os registros feitos nas edições comemorativas do *Correio Popular* e entrevistas com repórteres e editores.

Embora com dois jornais diários, no final dos anos 1970, Campinas parecia ter ainda espaço e, assim, nasceu mais um concorrente diário. *Jornal de Hoje*: comunistas, grevistas e bem-humorados é o capítulo escrito

por Carlos Alberto Zanotti. A implantação do jornal foi feita num cenário dado como definido, pois os dois maiores periódicos de Campinas – o *Diário do Povo* e o *Correio Popular* – disputavam leitor a leitor, assinante a assinante. Nesse clima de competição, em 1979, o *Jornal de Hoje* foi lançado, com uma péssima qualidade de impressão, mas inversamente proporcional conteúdo. O periódico de Orestes Quércia (1938-2010), que também seria proprietário do *Diário do Povo*, entre 1984 e 1996, além de outros empreendimentos de mídia, sobreviveu por pouco mais de dois anos, tendo trazido várias novidades, como novos temas, novas fontes de informação e diagramação visualmente arrojada. Além disso, teve à frente um dos jornalistas mais experiente do País, José Hamilton Ribeiro. Zanotti também fez parte da primeira equipe do periódico.

Cecília Helena Toledo-Vieira traz o único relato historiográfico já publicado sobre um jornal que caiu no gosto do campineiro. No capítulo *Jornal de Domingo: um semanário de sucesso por mais de 20 anos*, ela conta a história do veículo que nasceu em 1972, pelas mãos do empresário Álvaro Cunha, e encerrou suas atividades em 1994, como propriedade do grupo *Estado*. Com distribuição gratuita, teve, à época de seu lançamento, a proposta de ser um periódico direcionado à mulher e transformou-se num veículo especializado em cultura e entretenimento. Nesse capítulo, o leitor tem a descrição de como funcionava a montagem e a impressão das páginas na época do past-up. A autora também recorre a entrevistas com editores e repórteres.

Quem assina o capítulo sobre a *Folha Sudeste*, caderno da *Folha de S. Paulo*, publicado diariamente entre 1990 e 2002, é o jornalista Luiz Roberto Saviani Rey, que foi, ao lado de Rosana Vasconcelos, responsável pela implantação do suplemento em Campinas, dentro do projeto expansionista do jornal da família Frias pelo interior paulista. O capítulo *Folha Sudeste: uma trajetória de dez anos concorrendo com a mídia campineira* desvela os aspectos e estratégias que antecederam o lançamento do caderno, distribuído em 81 cidades. A pesquisa documental e a memória de repórteres e editores amparam o relato.

Maria Lúcia de Paiva Jacobini é a autora de *A Gazeta Mercantil em Campinas: estratégia de regionalização em contexto de crise*, que traça a trajetória do caderno do periódico econômico, que circulou entre 1998 e 2002. Para tal, além das entrevistas e análise das edições, a autora aborda o momento econômico brasileiro e as consequências para o jornal *Gazeta Mercantil*, que teve suas atividades encerradas em 2009, depois de quase 90 anos. O contexto de crise que abarcou a redação dá origem a um relato humanizado do fechamento do caderno, destacando, por exemplo, a dificuldade que os jornalistas tiveram para receber as verbas rescisórias, muitas vezes pagas com computadores usados na redação.

Os dois mais recentes veículos impressos lançados em Campinas e em circulação atualmente são tratados por Adauto Molck no capítulo *A experiência do Metro e Destak em Campinas*. Os dois tabloides, distribuídos pelas ruas e avenidas de Campinas gratuitamente nos dias úteis, não são novidades no mercado e representam a entrada de grupos estrangeiros na produção jornalística impressa brasileira, a partir de uma brecha na legislação. O *Destak* é um jornal português lançado em 2001, que chegou ao Brasil em 2006 em São Paulo e teve sua versão campineira em outubro

de 2011. Já o *Metro* surgiu na Suécia e é representado no Brasil pelo Grupo Bandeirantes de Comunicação. Seu slogan é ser “o maior jornal do mundo”, se justificando por ser distribuído em 22 países. Em Campinas, circula desde 2010.

Notícia Já: jornalismo popular em Campinas aborda outra tendência no jornalismo impresso dos últimos anos. Os jornalistas Benedicto Chiquino Jr. e Márcia Eliane Rosa pesquisam e mostram o projeto de formação, implantação e desenvolvimento do tabloide popular publicado desde 2007 pela RAC. Em sua curta trajetória, foi possível mostrar a busca por histórias e pautas que tenham identidade com um público até então pouco explorado na cidade e a adaptação à linguagem popular, embora numa tentativa de se distanciar da memória e do preconceito advindos do que foi o jornalismo popular e sensacionalista do *Notícias Populares*, o veículo desse segmento com maior circulação no Brasil entre 1963 e 2001. O texto do capítulo traz histórias selecionadas em entrevistas, além de uma análise de capas e edições significativas.

Para fechar o livro, Fabiano Ormaneze traz *Mulheres na imprensa de Campinas: dos pseudônimos às grandes reportagens*. Com uma elaboração que conjuga narrativa, história da imprensa e princípios de Análise de Discurso Francesa, o autor descreve o ingresso das mulheres na imprensa campineira a partir dos anos 1940, pela crônica e pelos cadernos dedicados às leitoras, numa tendência do jornalismo brasileiro no período. As mulheres só chegam à reportagem em Campinas nos anos 1970, com a contratação da primeira repórter, Marilena Furlaneto. Nesse viés, o autor, habilmente, esbanja estilo ao traçar paralelismos entre os movimentos feministas, as conquistas das mulheres e sua inserção na imprensa de Campinas.

Obra de caráter essencial para compreender a história da imprensa em Campinas, mas também para uma análise das conjunturas do jornalismo regional nas últimas décadas, o livro tem prefácio do jornalista Zaiman de Brito Franco, importante personagem do jornalismo campineiro, e posfácio do professor José Marques de Melo, que, em poucas linhas, consegue decifrar a importância de publicações desse tipo: “tendência pedagógica que demonstra a superação daquele viés anti-historicista emergente no campo comunicacional brasileiro, particularmente no campo do jornalismo” (p. 340).